

Maurício Tragtenberg: militância e pedagogia libertária*

de Antonio Ozaí da Silva

Um educador socialista antiacadêmico

por Pedro Roberto Ferreira**

A crítica marxista e libertária de Maurício Tragtenberg supõe um ser social desvencilhado de qualquer exploração econômica e dominação política e que, nessa condição de liberdade e solidariedade incomum, não conduza mediações que possam repor situações já perdidas e superadas. Trata-se de uma construção teórica e prática um tanto desconcertante por consistir no reflexo conciso da trajetória de vida do seu autor, que transita ao mesmo tempo do mundo operário ao político partidário-marxista à universidade, para compor uma crítica demolidora das organizações burocráticas. Numa reflexão operosa que colide frontalmente com os parâmetros das idéias dominantes e suas práticas institucionalizadas, a desvendar contradições que fundamentam o dia a dia de operários, pesquisadores, professores, funcionários, discentes, intelectuais, etc.

Decifrar o significado de obra tão singular, transformou-se na motivação principal do trabalho de Antonio Ozaí da Silva, *Maurício Tragtenberg: militância e pedagogia libertária*, que astutamente soube evitar o tratamento biográfico clássico, laudatório, em que o personagem se situa acima do próprio contexto histórico-social, flanando sobre os fatos e nenhum poder de crítica da realidade que o cerca.

A reconstrução da crítica e do legado pedagógico de Tragtenberg realizada por Antonio Ozaí é notável: bem escrita, com muita clareza de raciocínio e precisão no manuseio das inesgotáveis fontes bibliográficas que moveram o mais antiacadêmico dos professores universitários, tem a propriedade, entre outras, de seduzir o leitor a cada capítulo porque o certifica da importância de uma educação politicamente

* Ijuí: Ed. Unijui, 2008.

** Professor de Ciência Política do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina. End. eletrônico: pedroecleusa@hotmail.com

transformadora ante uma sociedade mergulhada na alienação e no fetichismo das mercadorias.

No percurso do ainda muito jovem Tragtenberg, mas já operário e militante no Partido Comunista, reúne-se vivência política para iniciar a crítica à vanguarda revolucionária, em princípio, por verificar que no seu âmbito não se aprimora uma educação teórica marxista, e a prática política costumeira reduz o militante a uma correia de transmissão de comandos autoritários. No operário militante se reproduz, dessa maneira, a condição taylorista fabril e dele se espera a mera realização de tarefas, sem reflexão e poder de decisão sobre elas.

Esse posicionamento antiautoritário, que vai se fortalecer com incontáveis estudos da burocracia, conduz Maurício Tragtenberg a privilegiar o autodidatismo combinado a uma invulgar erudição que lhe dá coerência de vida e de trabalho intelectual. Sua crítica está muito além da weberiana, embora com ela tenha certas dívidas. O que se pretende resgatar é o trabalhador coletivo, o operário determinado socialmente, em condições de controlar o processo de produção e de construção da vida social, enfim, do ser social que não se desfaz de parte de si em função da exploração econômica e a dominação política do Capital. Nesse repúdio ao autoritarismo burocrático do Estado, das empresas e das instituições sociais burguesas não há margem para um viés liberal. Aqui Tragtenberg conta com contribuições de Trotsky, Weber, Proudhon, Malatesta, Rosa Luxemburg, Pannekoek, Stojanovic, Osinskij, Santillán, Lobrot, e com a experiência autogestionária da Comuna de Paris em 1871, dos soviets de 1905 e 1917, e a Espanha de 1936, etc.

O trabalhador coletivo, que se vê enveado pelo processo de trabalho sob o domínio do Capital na metamorfose força de trabalho/capital variável, não poderá romper com a coisificação, que é intrínseca a esta determinação, a não ser mediante uma forma social de produção que não lhe subverta em todo o processo sua condição efetiva de sujeito/produtor e para nela imbricar o social e o individual. São os “conselhos” que, por expressarem uma forma horizontal de organização dos trabalhadores, possibilitarão a transformação revolucionária do sistema de produção capitalista e da sociedade burguesa.

Não sendo um meio instrumental e menos ainda transitório na simples construção de outro poder, a forma “conselhos” transforma os sujeitos sociais em planejadores, controladores e executores de uma nova produção de vida social. Onde não se delega tarefas para não se delegar consciência e perder autonomia, pois “não são as reivindicações – sejam elas econômicas ou políticas – que definem o caráter revolucionário de uma luta, mas sim a associação igualitária dos trabalhadores nesse sentido. As novas relações criadas são a matriz do processo revolucionário” (Tragtenberg, 1986: 6).

Para Tragtenberg, a liberdade e igualdade dos trabalhadores são constituídas numa práxis contraditória, portanto sem condições de acomodação com o domínio

do Capital e sua divisão do trabalho pautada na separação intelectual/manual, ensejam uma educação permanente, ampla, abrangedora dos aspectos mais relevantes para a construção do “homem novo”. Segundo Ozaí, “Tragtenberg aposta na auto-organização dos trabalhadores e nos processos de autogestão, fundados em critérios de liberdade, democracia pela base e solidariedade. Sua ênfase recai sobre as experiências autogestionárias enquanto estratégias de enfrentamento da opressão burocrática. Da sua análise do poder burocrático sobressai não um desencantamento com a inevitabilidade do domínio da burocracia, mas a esperança” (2008: 189).

Essa educação não se resume em certas regras pedagógicas ou mesmo não chega para impor “novas” técnicas, sobretudo num meio onde a tônica tem sido dada por aparentes transformações vinculadas “às reformas que são mais restaurações”, para adaptar docilmente a força de trabalho à prestação de serviços, à sociabilidade dominante. Para Tragtenberg trata-se de uma ideologia do consenso que “é reforçada pelo Estado e pela formação da mão-de-obra, na escola ou no interior das empresas. O processo educacional dos trabalhadores se restringe à formação profissional no sentido de treinar a mão-de-obra para melhor se adaptar às inovações tecnológicas e também ao sistema de dominação” (2008: 193).

Mas, pode-se assim ignorar o saber formal, o conhecimento elaborado no interior das instituições, numa espécie de culto da “dês” razão? Este não é o caso. A “pedagogia libertária”, enquanto educação transformadora, não exterioriza excentricidades dos seus formuladores para alçar sujeitos sem uma base real de vida. O próprio Maurício Tragtenberg, que nunca tergiversou nas suas avaliações sobre a instituição educacional, que viu nesta uma “deliquência acadêmica” devido ao carreirismo burocrático e certos logros nada científicos de alguns docentes, não deixou de reconhecer a necessidade dos trabalhadores terem acesso ao conhecimento que ali se produz. Embora defensor do saber e cultura populares, Maurício não nega “a importância do saber formal e da linguagem científica”. Sua estratégia, escreve Ozaí, “consiste em incorporar a cultura popular, o que é considerado senso comum, ao âmbito acadêmico (...) e favorecer aos trabalhadores o acesso à cultura universitária, gerando as condições para que estes possam assimilá-la e dominá-la” (2008: 299).

A educação pressuposta pela “pedagogia libertária” move-se pelas contradições do processo social que não se apagam nem mesmo por uma rígida burocracia. E em tal vereda, Tragtenberg revela o seu otimismo quanto ao trabalho dos grupos de docentes, funcionários e estudantes, comprometidos com a transformação social. Como ressalta Ozaí: “A dinâmica no interior da escola está vinculada ao processo social geral. Assim, em determinadas conjunturas históricas, os professores podem desempenhar um papel transformador mais intenso e explícito; e, mesmo em situações desfavoráveis, eles podem atuar como agentes da contra-hegemonia, enquanto intelectuais transformadores” (2008: 293)

Ao publicizar a contribuição de Maurício Tragtenberg para a crítica da sociedade capitalista, e pelo encadeamento bem realizado da vida e obra do autor, Antonio Ozaí contempla o leitor atento aos grandes problemas do nosso tempo, com um acervo de conceitos, idéias e reflexões, indispensável na formulação de uma inteligência instigante. O que não é pouca coisa.

Bibliografia

SILVA, A. O. (2008). *Maurício Tragtenberg: militância e pedagogia libertária*. Ijuí: Unijuí.

TRAGTENBERG, M. (1986). *Reflexões sobre o socialismo*. São Paulo: Ed. Moderna.